# A RELAÇÃO ENTRE A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO ESCOLAR

SUELI APARECIDA SCARPARO MALVONE

RESUMO

Intitulei o compilado de meus estudos como “ A relação entre a Afetividade e o desenvolvimento Escolar”, por acreditar realmente que a afetividade é a chave principal para abrir os caminhos da aprendizagem. Esta monografia pretende abordar a necessidade dos indivíduos da afetividade para terem a sua autoestima elevada e, através disso, terem maior ligação com a escolarização, em todos os seus níveis, desde a fase pré-escolar, percorrendo os caminhos da alfabetização; dos conhecimentos amplos do Ensino Fundamental; da jornada durante a adolescência e culminando na intensa e longa aprendizagem nos bancos universitários, que só termina quando o indivíduo se sentir pleno. A falta da afetividade pode afetar tanto a vida pessoal do ser, quanto seu relacionamento interpessoal e afastá-lo de seus objetivos nos estudos. Muitos são os educadores que vem mostrando-nos que o caminho a ser percorrido, é este. A contribuição do educador é fundamental para abrir as portas da escolarização, auxiliando o aluno a romper suas barreiras da baixa autoestima e sentir-se integrado à turma e, portanto, incentivado a progredir nos estudos.

Palavras-chave: Afetividade; Aprendizagem; Autoestima.

ABSTRACT

Titled the compiled my studies as " The relationship between affectivity and development School ", believing truly that affectivity is the key to open the paths of learning. This monograph aims to address the need for individuals to have the affection of his high self-esteem and thereby, have greater connection with the school at all levels, from pre -school through the roads of literacy, knowledge of the broad Elementary School, the journey during adolescence and culminating in long and intense learning university in banks, which only ends when the individual feel full . The lack of affection can affect both the personal life of being, as your interpersonal and take him away from his goals in the studies. Many educators, psychologists and scholars dedicated to analyze the influence of both beneficial and negative affectivity and caused by the lack of it. Still other educators came to elucidate and encourage walk this study, showing us the way to go, is this. The contribution of the educator is key to open the doors of education, helping the student to break through their barriers of low self-esteem and feel integrated into the class and therefore encouraged to progress in their studies.

Keywords: Affection; Learning; Self--Esteem.

## INTRODUÇÃO

A elaboração desta pesquisa partiu da necessidade de aprofundar meus estudos sobre a afetividade e a relação dela com o desenvolvimento escolar e social. Na prática de meus 25 anos de profissão em sala de aula, sempre observei ter na afetividade uma ferramenta especial para auxiliar o desenvolvimento pedagógico de meus alunos.

Não desconhecia os fundamentos dos teóricos da educação, porém senti necessidade de aprofundar mais os estudos nesta área.

Vemos em sala de aula a diferença no desenvolvimento cognitivo das crianças, como cada um aprende em um momento especial e tem necessidades diferentes entre eles.

Percebe-se claramente, que a cada ano nossos alunos chegam na escola mais inteirados do mundo que os cerca, porém com uma dificuldade ainda maior de concentração nas aulas e principalmente com menor interesse sobre o que o professor tem a lhe apresentar.

Surgem então as dúvidas e ansiedades do professor: O que fazer? Como manter a atenção dos educandos? Por que alguns demoram mais do que outros para desenvolver-se na escola? Qual é o papel ou a culpa da família nesse contexto?

Aprofundando mais os estudos nas pesquisas de grandes contribuidores da educação como Levy Vigotsky, Henry Wallon, Jean Piaget, Paulo Freire, entre outros, percebemos que não são atuais seus ensinamentos, porém, a educação brasileira tem ainda muito a aprender com eles, e que seus ensinamentos continuam sendo necessários aos educadores hoje.

Vemos neste estudo que muitos pedagogos, psicólogos e estudiosos da área educacional veem na relação afetiva entre professores e alunos a base da aprendizagem.

Esta relação pode ser benéfica ao aluno, auxiliando-o em seu progresso e facilitando sua aprendizagem, como também pode ser um fator de empecilho para seu desenvolvimento escolar.

Ao refletir sobre o quadro da afetividade humana, percebemos que mesmo antes do nascimento, o ser humano é suscetível ao afeto ou desafeto e que desde então,

isso pode influenciar em sua autoestima.

Apresentamos estudos sobre o papel da afetividade e de seus benefícios, bem como também os efeitos que a sua carência provoca em nossas vidas. Vimos como a baixa autoestima afeta o desenvolvimento escolar e como o professor pode reforçar negativamente ou, ao contrário, auxiliar o aluno a melhorar-se e até libertar–se elevando sua autoestima.

Concluímos que o relacionamento afetivo escolar entre os alunos e entre professor e aluno é muito importante para o desenvolvimento afetivo e cognitivo.

Esperamos que os resultados deste estudo possam dar mais um suporte para todos os profissionais que lidam com educação e com a aprendizagem, desde a mais tenra idade até os níveis superiores.

## O PAPEL DA AFETIVIDADE

A afetividade é fundamental no processo de aprendizagem do ser humano, por estar presente em todas as áreas da vida, principalmente no desenvolvimento cognitivo. É um estado psicológico do ser humano.

Jean Piaget, epistemólogo suíço e um dos mais importantes pesquisadores da educação, afirma que "esse estado psicológico é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo" e está presente em todos os campos da vida. Encontra-se diretamente ligada à emoção e determina a maneira como as pessoas visualizam o mundo (PIAGET, 1954, apud AKIYAMA, E. de M.; SILVA, J. A. da, 2010).

O psicólogo francês Henri Wallon, foi um dos grandes pensadores que abordou o conceito de afetividade e afirma que "a inteligência não é o elemento mais importante do desenvolvimento humano" (WALLON, 2007 apud JUNQUEIRA, 2010, p. 37). Para o psicólogo "as dimensões biológicas e sociais são indissociáveis, não existindo preponderância de um sobre outro, mas sim, ação recíproca" (REGO, 1997, p. 122). Nesta concepção, a evolução do ser humano não depende somente da capacidade intelectual garantida pelo seu caráter biológico, mas também do meio ambiente em que o mesmo se desenvolve.

De acordo com Wallon (apud GALVÃO, 2003), "o desenvolvimento ocorre através de vários estágios" e "as emoções fazem parte da vida intelectual, não separando o aspecto cognitivo do afetivo".

Ressalta ainda que " paralelamente ao impacto que as conquistas feitas ao plano cognitivo têm sobre a vida afetiva, a dinâmica emocional terá sempre um impacto sobre a vida intelectual" (GALVÃO, 2003, p. 76). Wallon acredita que:

a personalidade é constituída por duas funções básicas: afetividade e inteligência. A afetividade é orientada para o mundo social, para a construção do indivíduo. A inteligência, é orientada para o mundo físico, para a construção do objeto. A afetividade assume então, papel fundamental no desenvolvimento humano, determinando os interesses e as necessidades individuais de cada pessoa (apud, MENDONÇA; SANTOS, 2010, p. 5).

O psicólogo bielo-russo Lev Vygotkky , foi um importante pensador pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e das condições de vida. Assim como Wallon, Vigotsky também afirma que o pensamento e o afeto são índissociáveis. Para ele, "só se pode compreender por completo o pensamento humano quando se compreende a base afetiva" (2000).

Tanto Wallon como Vigotsky, afirmam que não se pode separar afetividade e cognição.

O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade (VIGOTSKY, 2000, p. 146).

Acreditamos que todos os fatos e acontecimentos ocorridos na vida de uma pessoa trazem recordações e experiências que ficarão gravadas em sua história e/ ou memória. A presença ou a ausência do afeto determina como o indivíduo se desenvolverá e influencia diretamente na sua auto-estima.

A criança que recebe afeto, cresce e desenvolve-se com mais segurança e determinação. Por influenciar o desenvolvimento geral de todos os seres humanos, é de extrema importância para a saúde mental, o comportamento e o desenvolvimento cognitivo.

A afetividade, assim como a inteligência, não são funções que aparecem na criança de forma pronta, definida, mas sim, evoluem ao longo do desenvolvimento, sendo construídas e modificadas constantemente. Em alguns momentos o que predomina é a parte afetiva, em outros momentos predomina a parte cognitiva.

O seu papel no desenvolvimento da personalidade da criança é imprescindível e fundamental na interação social da criança.

Segundo ALMEIDA (1999, p. 63), ao mencionar Wallon ela observa que "são as emoções que unem a criança ao meio social".

Para Piaget o afeto pode produzir o desenvolvimento de importantes estruturas cognitivas, necessárias na construção dos

saberes, podendo retardar ou acelerar a formação de tais estruturas (apud WADSWORTH, 1997, p. 37). Fica assim, então, inquestionável a valorização do afeto na criança, principalmente para fortalecimento da sua autoestima, fator fundamental para o sucesso no início da escolarização.

## A CARÊNCIA DE AFETIVIDADE

A ausência ou pouco afeto recebido, pode desenvolver transtornos como depressão, fobias, ansiedade e somatizações. Pessoas com recordações ruins ou tristes tornam- se apáticos e não desenvolvem a afetividade tornando-se frias e ausentes de emoção ou com dificuldade para dominar-se emocionalmente.

A falta de afeto pode deixar marcas nas crianças para toda a vida. Na lista de consequências inclui-se: alterações psicológicas, psiquiátricas, neurológicas, imunológicas ou hormonais. A conclusão é científica, proveniente de um estudo do professor da Faculdade de Psicologia e Psiquiatria Rodrigo Grassi de Oliveira. Premiada no Congresso da International Society of Traumatic Stress Studies, realizado em Chicago (EUA), e publicada na Biological Psychiatry (EUA), a pesquisa sugere que a negligência pode afetar o desenvolvimento cognitivo.

Segundo Grassi (2009), "quando uma criança é privada de afeto e cuidado, fica sujeita a ter de enfrentar situações de estresse, podendo contribuir para alterações no seu desenvolvimento". Alguns efeitos neuropsicológicos já podem ser percebidos logo no início da idade escolar.

Percebe-se que os filhos que são abandonados e/ou negligenciados pelos pais, têm grande dificuldade em lidar com os sentimentos gerados pelo abandono.

Crianças que acumulam experiências de frustrações, falta de amor, que crescem em ambientes opressivos ou agressivos, podem adotar a agressividade como maneira de se proteger. Pais autoritários, agressivos e abusivos que tendem a humilhar os filhos com castigos, gritos, críticas exacerbadas e agressões podem transformar os filhos em seres agressivos e inseguros.

Uma criança provavelmente não sobreviveria apenas com afeto. Alguns pais preocupam-se tão somente em prover os cuidados materiais e se esquecem que elas necessitam de amor, carinho, atenção, abraços e que precisa ser ouvida. A carência de cuidados e atenção faz com que elas adoeçam com mais facilidade, além de gerar insegurança e ansiedade.

Esse pequeno indivíduo possivelmente apresentará problemas de aprendizagem na escola, de relacionamento e socialização, como relata TIBA:

> (...) queda no rendimento escolar, grande apatia, insônia, isolamento e até mesmo somatizações como dores de cabeça, estômago e mau funcionamento intestinal. Tudo pode doer. É o corpo chorando "lágrimas que olhos contiveram" (TIBA, 2002, p. 204).

## AINDA NO VENTRE MATERNO

Acreditamos que ainda no ambiente intra-uterino, inicia-se a formação do vínculo entre a futura mamãe e seu bebê. Há uma troca afetiva íntima e profunda entre ambos e que é de importância vital para o feto, que necessita sentir-se desejado e amado para desenvolver-se harmoniosamente e saudável.

Luis Pellegrini relata que "desde as primeiras semanas de vida, o feto é sensível a tudo aquilo que acontece no seu meio ambiente e na vida da mãe" (BUSNEL apud, PELLEGRINI, 2011).

Segundo a psicóloga clínica Ana Maria Moratelli da Silva Rico, a formação do vínculo afetivo entre mãe e bebê é gradativa, aos poucos vai se intensificando e se fortalecendo. À medida que o feto vai evoluindo, torna-se capaz de perceber as emoções e sentimentos maternos. Inicia-se, então, a formação de sua personalidade. Pequenos gestos maternos mostram ao bebê carinho, proteção, segurança e tranquilidade.

Se a mãe for amorosa e se tiver uma relação afetiva rica com seu bebê, nascerá uma criança confiante e segura em si. Mães deprimidas, que não transmitem amor e carinho favorecem o nascimento de crianças depressivas e com maior chance de distúrbios neurológicos, por ter sua personalidade estruturada num clima de medo e angústia.

O estresse da gestante poderá produzir no filho várias disfunções, além de comportamentos associados às patologias da ansiedade, pois é no contato com a mãe que se formam as primeiras impressões de personalidade no ser e onde acontece os primeiros laços de afetividade (PELLEGRINI, 2011).

## NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA

Acreditamos que são nos primeiros anos de vida que os bebês precisam muito mais do que ter supridas suas necessidades de alimentação e higiene. O afeto e o toque são essenciais para a formação de sua personalidade e para seu desenvolvimento físico e psíquico.

Arantes (2003) nos explica que, segundo a teoria de Vigotsky, assim que o ser humano aprende a pensar, a falar e a agir, por meio da interação com os outros e do legado de sua cultura, também aprende a

sentir (ARANTES, 2003,p. 23).

Percebe-se que é no aconchego do lar que a criança vai percebendo através de gestos, expressões e palavras carinhosas a intenção dos pais de acolhê-lo e ele reage em retribuição ao que recebe.

A criança vai sendo estimulada pelos pais e pessoas que com ela convivem e aprende então a andar, a alimentar-se sozinha, a vestir-se e a cada dia vai ficando mais independente. Neste contexto, vai aprendendo a controlar suas emoções e sentimentos.

A emoção também é muito importante no desenvolvimento cognitivo e a falta de um vínculo afetivo pode acarretar distúrbios emocionais que prejudicarão o convívio familiar e social do indivíduo e interferir no seu desenvolvimento. "A emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são característicos da atividade emocional" (Wallon, 1968 apud AKIYAMA; SILVA, 2010, p. 60).

Tiba nos esclarece que "as reações dos pais ensinam a criança a distinguir o sim do não" (TIBA, 2002, p. 122). É importante deixar bem claro aos filhos a diferença entre a afirmativa e a negativa. "O sim e o não estabelecem limites para a criança, que aprende o que pode e o que não pode fazer. Nunca poder é ruim, mas poder sempre também não é bom. O sim só faz sentido se existe o não" (TIBA, 2002, p. 123).

Entendemos que a família é a base de toda estrutura afetiva. Nela a criança encontra um espaço natural para o seu desenvolvimento. As crianças necessitam ser educadas e é justamente na família que se encontra o espaço para ter cultivado os valores humanos, bem como a afetividade. É ela, a família, que primeiramente apresenta o mundo do conhecimento à criança.

## NA FASE DA ESCOLARIZAÇÃO

É no ambiente familiar, desde cedo, que a criança aprende a resolver conflitos, expressar seus sentimentos, a controlar as emoções e lidar com as adversidades. Neste ambiente que o indivíduo inicia seu desenvolvimento cultural e começa a construir saberes.

Argumentamos ainda que a personalidade da criança é construída com a família, o ambiente em que vive, a escola, os professores, os amigos e outras comunidades com as quais convive e interage. É justamente esse conjunto que proporciona as experiências fundamentais para a construção da personalidade do ser humano. Wallon descreve que " é inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante" (JUNQUEIRA, 2010, p. 71).

Os anseios e as expectativas familiares são fundamentais na formação da criança. Ela precisa ser admirada, elogiada, motivada, incentivada e amada, para sentir prazer no ato da aprendizagem, pois quando isso não acontece, sente-se desestimulada, não tem satisfação em aprender.

Na comunidade familiar a aprendizagem ocorre de maneira mais livre, significativa e de forma espontânea, ao contrário do ambiente escolar, onde o aprendizado se dá de maneira mais objetiva.

Percebemos que o acompanhamento da vida escolar do aluno pelos pais é muito importante para que ele se sinta seguro e motivado. Escola e família devem caminhar juntas, interadas, em parceria. Isso faz com que a criança tenha um desenvolvimento cognitivo maior e uma estruturação cultural e emocional mais adequado. Portanto, família e escola devem ser parceiras, aliadas para um aprendizado de qualidade.

Içami Tiba (TIBA, 2002, p. 185), psiquiatra e educador, afirma que " quando a criança sabe que poderá contar tudo aos pais, sente-se mais forte e participativa. Depois, eles não devem deixar de ouvir o que ela quer contar, é a maneira de estar presente mesmo estando ausente".

A forma como os pais lidam com a criança vai regular sua capacidade de sentir o ódio, o amor, a ansiedade, a culpa ou o bem-estar. Augusto Cury, psiquiatra e escritor brasileiro, assegura que "por trás de cada aluno arredio, de cada jovem agressivo, há uma criança que precisa de afeto" (Cury, 2003, p. 97).

Os pais que investem o seu afeto nos filhos, criam uma ponte entre o psiquismo da criança e o meio psíquico que a rodeia, e nesse processo nasce uma autoestima positiva que vai salientar a busca do prazer em ouvir e pensar. Um bom relacionamento entre pais e filhos é de suma importância para desenvolvimento afetivo e emocional do ser.

## A AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR

Na atualidade, as mulheres conquistaram seu espaço no mercado de trabalho, conquistando também novos espaços na sociedade. As relações sociais também se alteraram com a saída da mulher/ mãe para o mundo do trabalho.

Os filhos estão sendo apresentados ao ambiente escolar muito mais cedo e com grande despreparo dos familiares que se sentem culpados por não poderem estar mais tempo com eles.

É grande o número de crianças que ainda na fase da amamentação, ou antes

de completarem o primeiro ano de vida, são matriculados em creches ou escolas e permanecem nela a maior parte do dia. Outros, ficam aos cuidados de terceiros que nem sempre estão devidamente preparados para essa função.

A busca da melhoria econômica nas famílias, afasta os pais de seus lares, vivendo cercados de preocupações e problemas diversos, como o trânsito, a violência, o fantasma do desemprego, a insegurança. Com isso, percebemos que os pais já não conseguem mais dar aos seus filhos a atenção necessária para um tranquilo desenvolvimento afetivo, moral e intelectual de que necessitam e tem por direito.

Hoje, a escola e por consequência, o professor, acumulam mais funções. Já não cabe ao professor apenas transmitir conhecimentos e conteúdos. Essa falta de atenção que muitas crianças têm vivenciado na família, reflete na sua aprendizagem e em seu relacionamento interpessoal.

O processo de socialização da criança é concretamente determinado pela sua condição histórico e social. Além disso, enquanto sujeito da história a criança tem a possibilidade de recriar seu processo de socialização e através dele interferir na realidade social (MIRANDA, 1994, p.131).

Percebemos que muitas crianças não têm clareza entre as funções da família e as da escola. Costuma ser um equívoco dos pais que transferem seu papel de primeiro educador para a escola, como se esta pudesse suprir o papel da família. Alguns pais insistem em cobrar da escola o mau comportamento dos filhos em casa. "Até parece que quem educa é a escola e cabe ao pai e à mãe uma posição recreativa. Essa idéia não pode prevalecer" (TIBA, 2002, p. 180).

Quando a criança inicia sua vida escolar, começa a conviver com pessoas diferentes de si mesma. As reações são diferentes em cada indivíduo: alguns adaptam-se com facilidade, outros encontram maior dificuldade e há ainda os que se mostram agressivos.

A escola necessita proporcionar um clima de afeto, simpatia, aconchego, compreensão e respeito mútuo. Precisa ser um lugar adequado para que todos compartilhem suas opiniões e experiências, envolvendo a todos os alunos. Esta relação afetiva constitui grande incentivo para o desenvolvimento de suas potencialidades.

As aprendizagens construídas na escola, frequentemente, são as mais marcantes e relevantes para a vida das pessoas.

Acreditamos que afetividade e aprendizagem caminham juntas, interligadas, se completam mutuamente. Segundo Sousa, Piaget afirmou que "a afetividade está indissocialmente ligada à inteligência e se manifesta nas ações e condutas dos indivíduos" (apud SOUSA, 2002, p. 32).

Percebemos que o aluno tem necessidade de se sentir aceito e acolhido no ambiente escolar e o afeto do professor é primordial para que elepossa interagir com a escola. A emoção é o primeiro e o mais forte vínculo entre os indivíduos.

Montessori informa que:

Um educador mal preparado para observar a alma infantil e o dinamismo das nuances do seu desenvolvimento cognitivo pode calcar a sua natural necessidade para o aprendizado escolar e, conseqüente de expressar-se. É necessário manter a prodigiosa aptidão da criança que, enquanto vive plenamente, aprende (MONTESSORI, apud CUNHA, 2008, p. 59).

Para que haja aprendizagem, é fundamental que escola/ professor/aluno tenham um relacionamento prazeroso, que haja afetividade permeando essa relação.

[...] a sala de aula é o lugar em que há uma reunião de seres pensantes que compartilham ideias, trocam experiências, contam histórias, enfrentam desafios, rompem com o velho, buscam o novo, enfim, há pessoas que trazem e carregam consigo saberes cotidianos que foram internalizados durante sua trajetória de vida, saberes esses que precisam ser rompidos para dar lugar a novos saberes (VASCONCELLOS, 1993, p. 35).

Augusto Cury, enfatiza que "cada hábito praticado pelos educadores poderá contribuir para desenvolver características fundamentais da personalidade dos jovens" (CURY, 2003, p. 16).

## A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

O professor exerce papel de grande destaque no desenvolvimento afetivo dos alunos, pois encontra-se presente em todo o processo de ensino-aprendizagem, em todos momentos da escolarização. A aprendizagem depende em grande parte das relações afetivas estabelecidas entre professores e alunos.

Cada aluno é um indivíduo diferente, com experiências distintas, inserido num mesmo ambiente de aprendizagem, tendo os mesmos conteúdos e no mesmo espaço de tempo. Cada um deles desenvolve-se do seu jeito e no seu tempo.

Cabe ao professor colaborar para que estas diferenças no tempo de aprendizado de cada aluno não sejam comparadas e/ou evidenciadas. É sempre importante lembrar que o aluno tem direito de acesso e permanência na escola com ensino e tratamento condizente conforme sua individualidade com seus limites respeitados (ECA, art. IV, cap. 53).

Alarcão elucida que os profissionais da educação precisam "compreender o mundo, os outros e a si mesmo, bem como as interações entre estes vários componentes, sendo capaz ele de intervir, estabelecendo o alicerce para a vivência e a cidadania" (ALARCÃO, 2011, p. 23). Faz-se imprescindível a observação cautelosa de cada gesto, olhar, comportamento, expressão de cada um dos alunos, a fim de perceber se todos os alunos conseguiram acompanhar o seu raciocínio, a explicação dada. Deve -se estimulá-los a expressarem sua opinião, comentarem o assunto em pauta, discutirem o que foi abordado, a fim de corrigir eventuais dúvidas e auxiliando--o a sanar suas dificuldades.

Bons professores possuem metodologia, professores fascinantes possuem sensibilidade. Este hábito dos professores fascinantes contribui para desenvolver: autoestima, estabilidade, tranquilidade, capacidade de contemplação do belo, de perdoar, de fazer amigos, de socializar (CURY, 2003, p. 64).

A atenção do professor é essencial para o sucesso da aprendizagem, para elevar a autoestima e para a valorização do aluno. Dar credibilidade às suas opiniões, respeitar seus limites, valorizar sugestões e opiniões, encorajá-lo a tentar novamente, sem medo de errar, evidenciar que o erro faz parte da aprendizagem, são ações bem-sucedidas para um profissional disposto a colaborar com o desenvolvimento do educando.

Conforme evidencia Rossini, o ato de aprender necessita ser prazeroso: as crianças devem ter oportunidade de desenvolver sua afetividade. É preciso dar-lhescondições para que seu emocional floresça, se expanda, ganhe espaço. A falta de afetividade leva à rejeição aos livros, à carência de motivação para a aprendizagem, à ausência da vontade de crescer (ROSSINI, 2001, p. 15-16).

Mesmo que não goste muito da disciplina, ou não tenha a mesma facilidade em determinada matéria, a criança aprende mais quando gosta do seu professor. O educador deve ser alguém a quem a criança queira se espelhar, deve ser exemplo positivo para ela.

O professor deve ver cada aluno como um ser único e não apenas mais um aluno. Deve ter consciência que cada aluno aprende em seu ritmo próprio e respeitar o ritmo de cada um, auxiliando-o sempre.

As expectativas que o professor tem para com seu aluno poderão contribuir para que o seu desempenho seja mais ou menos eficiente. Os que tem suas características valorizadas pelo professor, tendem a acentuá-las cada vez mais, enquanto os que se sentem discriminados tendem a se afastar da situação e acabam por ver as expectativas negativas do professor confirmadas.

O aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente, importante, interado com a turma e com motivação em sala de aula.

Para que haja maior envolvimento do aluno com a aprendizagem, é importante que haja uma relação empática, onde o professor procure compreender os sentimentos, ansiedades e problemas de seus alunos.

ABREU & MASETTO (1990, p. 115), afirmam que "é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos".

Segundo Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996, p. 96).

Freire comenta sobre os diferentes tipos de professores:

o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor malamado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca" (FREIRE, 1996, p. 73).

MARTINELLI (2006, p. 78-80), afirma que o que se observa com mais frequência é o fato de que o aluno admirado ou valorizado pelo professor tem suas características valorizadas, cada vez mais acentuadas e, consequentemente, demonstra-as com mais frequência, o que o torna cada vez mais valorizado, enquanto o aluno rejeitado ou discriminado passa a se afastar do professor e, consequentemente, se identifica cada vez menos com aquela situação que o discrimina e rejeita.

Cury ilustra de maneira singular que:

Estamos informando e não formando. Não estamos educando a emoção nem estimulando o desenvolvimento das funções mais importantes da inteligência, tais como contemplar o belo, pensar antes de reagir, expor e não impor as ideias, gerenciar os pensamentos, ter espírito empreendedor. Estamos informando os jovens, e não formando sua personalidade (CURY, 2003, p. 15).

LIBÂNEO (1994, pg. 18) afirma que "uma das tarefas da escola é a de formar um cidadão-trabalhador, capaz de interferir criticamente na realidade para transformá-la". O professor deve buscar educar para as

mudanças, para a autonomia, trabalhando o lado positivo dos alunos, visando a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais. Deve ser uma ponte entre o seu conhecimento e o conhecimento de seus alunos.

## CONCLUSÃO

Este presente trabalho é resultado de análise criteriosa sobre o estudo de diversos teóricos, pedagogos e profissionais relacionados à área educacional e que deram sua imensa contribuição a nós educadores. Trabalho este, que foi ao mesmo tempo prazeroso e produtivo. Falar de afetividade remete à recordações das diferentes fases escolares que percorremos e também da longa jornada em salas de aula como profissionais da educação.

Relacionar a afetividade ao sucesso na alfabetização e interligá-la aos demais anos escolares, foi muito produtivo para mim.

Espero ter podido com estas páginas de intensa dedicação, acrescentar algo à sociedade, contribuindo de alguma maneira para a educação.

Enquanto lia, pesquisava, refletia nestes estudos, aprendi muito, mas ainda percebo que há tanto ainda a desenvolver. No que se refere à indisciplina escolar, há muito a se explorar para auxiliar a atuação dos educadores frente ao quadro atual de descaso dos alunos. Muito mais precisaremos refletir sobre isso e buscar soluções para não vermos mais as manchetes estampadas com acontecimentos desastrosos entre professores e alunos, alunos desacatando professores e agredindo colegas.

Conclui-se que a relação entre professor e aluno depende, na maioria das vezes, do clima estabelecido entre eles, da relação empática formada por eles, da capacidade de ouvir, da reflexão entre os alunos e da criação das pontes entre o conhecimento de todos.

Onde existe diálogo e disposição para entendimento, há grande chance de sucesso. A afetividade seria a ponte de ligação entre todos. Pais e professores precisam dialogar mais, construir uma parceria para juntos, auxiliarem a resolver possíveis conflitos e evitar que ocorram. Professores precisam conhecer mais seus alunos e o meio em que vivem, saber mais sobre eles, suas expectativas, frustrações e ansiedades.

Como pudemos perceber, há muito a desenvolver nesta área tão rica de emoções, afetos e sentimentos que é a aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


ABREU, Maria C. & MASETTO, M. T. O professor universitário em aula. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

AKIYAMA, Eunice de Melo; SILVA, Jayme Ayres da Afetividade na Educação Infantil.

Caderno Multidisciplinar de Pós-Graduação da UCP, Pitanga, mar 2010.

ALARCÃO, Isabel. Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva. São Paulo: Cortez, 2003.

ARANTES, V. A. Afetividade na escola : alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Atlas, 2003.

CARNEIRO e SILVA, Jamile B. ; SCHNEIDER, Ernani J. Aspectos Sócio-Afetivos do Processo de Ensino e Aprendizagem. Blumenau, jul.dez/2007, vol.3 n. 11.

CUNHA, Antonio Eugênio. Afeto e Aprendizagem, Relação de Amorosidade e Saber na Prática Pedagógica. Rio de Janeiro: Walk, 2008.

CURY, A.J. Pais Brilhantes, professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário de língua portuguesa sec.XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999 .

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Isabel . Henry Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petropolis: Vozes, 2003.

JUNQUEIRA, Patricia. Henry Wallon – Hélène Gratiot-Alfandéry. Recife: Editora Massangana, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

MARTINELLI, S. Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica. São Paulo: Vetor, 2006.

MENDONÇA, Mônica Renata Dantas; SANTOS, Simone Silveira dos . A Influência da Afetividade na Construção do Conhecimento, Jales, 2011.

MIRANDA, G. M. O processo de Socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, Silva. Social o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, G. A Transmissão dos Sinais Emocionais Pelas Crianças. In: SISTO, F.; MARTINELLI, S. Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica. São Paulo: Vetor, 2006.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. Aprender tem que ser gostoso. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SOUZA, Maria Thereza C. Coelho de. Cultura, Cognição e Afetividade: Interrelações em diferentes perspectivas. A interação social e os objetos "afetivos" na perspectiva piagetiana de construção do conhecimento. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2002.

TIBA, Içami. Adolescentes: Quem Ama, Educa! São Paulo: Gente, 2002.

_____. Disciplina, Limite na Medida Certa. São Paulo: Gente, 1996,

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Construção do conhecimento em sala de aula. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1993.

WALLON, Henri. A Evolução Psicológica da Criança. São Paulo : Martins Fontes, 2007.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8069 de 13 jul. 1990. Capítulo IV, art. 53.

FERREIRO, Emilia. A potência das diferenças. jul. 2013. Disponível em:

<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/195/a-potencia-das-diferenca-sa-favor-do-trabalhocolaborativo-entre--as-292016-1.asp >. Acesso em 03 jan. 2024.

PELLEGRINI, Luis. Vida no ventre materno – mãe estressada, filho ansioso, set.2011. Disponível em: <http://www.jornalista292.com.br/noticia_imprime.php?id=10483>. Acesso em 25 out.2023.

RICO, Ana Maria Morateli da Silva. A origem do vínculo mãe-bebê, 2013. Disponível em: <http://guiadobebe.uol.com.br/a-origem-do-vinculo-mae-bebe/>.Acesso em 28 out.2023.